



ESCOLA E UNIVERSIDADE: A UNIÃO CAPAZ DE RESSIGNIFICAR NOVAS FORMAS À FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Indiara Rech - UFSM

Caroline Ferreira Brezolin - UFSM

Valeska Fortes de Oliveira - UFSM

Órgão Financiador: PROLICEN/UFSM

RESUMO

Este projeto se caracteriza como uma proposta de formação continuada para um grupo de professores de duas instituições públicas de educação básica de Santa Maria. A primeira é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta D'Ambrósio, com a qual apresentamos uma caminhada fortalecida pelo trabalho em conjunto. A segunda é a Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha, que atende adolescentes de nível médio e profissionalizante com os quais ainda não havíamos trabalhado. Para nós, integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social, o processo de formação docente pressupõe trocas, experiências, interações sociais, um sem-fim de relações com as quais cada sujeito vai se formando, considerando sua singularidade, história pessoal e profissional. Assim, os percursos de vida e de formação se tornam sinônimos, impulsionadores de novas práticas, de novas aprendizagens individuais e grupais. Por esta razão, neste trabalho com as instituições supracitadas, buscamos agregar e inter-relacionar os conhecimentos da universidade com as questões práticas de escola.

Palavras-chave: Parceria; Formação de professores; Trajetórias pessoais e profissionais;

1. PROBLEMÁTICA

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social da Universidade Federal de Santa Maria (GEPEIS/CE/UFSM) vem desenvolvendo, ao longo dos últimos anos, projetos de pesquisa e extensão que têm como eixo investigativo o professor e suas trajetórias de vida pessoal e profissional.

Nesta perspectiva, apresentamos uma proposta de formação continuada que desenvolvemos durante o ano de 2011, envolvendo duas escolas da rede pública estadual de Santa Maria. A primeira é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta D'Ambrósio, com a qual trabalhamos compartilhando projetos e ideias no campo da formação. O contato inicial com esta escola aconteceu em 2008, num processo de formação continuada que desencadeou a ressignificação do Projeto Pedagógico nos anos de 2009 e 2010. Além desta escola, somou-se à nossa proposta formativa a Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha, em que conseguimos fortalecer um lócus de discussão e formação que possibilitou um estreitamento com os trabalhos e projetos desenvolvidos na instituição.

Salientamos que estas duas escolas são percebidas por nós como locais em que é possível ao professor acionar mecanismos de reflexão sobre as escolhas, os desejos, as expectativas e as motivações que impulsionam sua trajetória profissional. Além disso, entendemos que ambas possibilitam reconhecer que as interações e vivências cotidianas no ambiente escolar são dispositivos constituintes de seus processos de formação, por propiciarem reflexões acerca dos saberes necessários à docência, entre eles, os saberes profissionais, disciplinares, curriculares que, agregados, impulsionam a prática cotidiana do professor através de seus saberes experienciais.

Não é por outra razão que acreditamos em projetos de extensão como uma ponte entre a universidade e a escola, pois viabilizam as trocas e enriquecem os processos formativos tanto dos profissionais envolvidos (caso específico do GEPEIS), quanto dos professores participantes. Por conseguinte, os trabalhos que realizamos propiciam um retorno direto à sociedade, como prevê a Política de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A partir do momento que envolvemos nesse projeto toda a comunidade escolar, alcançamos aqueles que acreditam que a formação em parceria traz contribuições e benefícios aos processos de autoformação. O documento que prevê as normativas extensionistas da UFSM ratifica isto:

a extensão passou a ser o canal de relação direta entre o contexto universitário e a sociedade, negando qualquer tipo de relação assistencialista, mas propondo-se a uma prática acadêmica de reafirmação de compromisso com a promoção e garantia dos valores democráticos, de igualdade e desenvolvimento social, garantidores do atendimento das demandas da população (Política de Extensão da UFSM, p. 13, 2007).

Assim, tendo como ponto de partida as necessidades expostas durante os trabalhos que vínhamos realizando com a Escola Marieta D'Ambrósio, fomos desafiados a voltar nosso foco à formação continuada dos professores, pois esse foi um dos aspectos que durante a ressignificação do Projeto Pedagógico apontou para a fragilidade da instituição. Com o intuito de valorizar a escola e sua comunidade, aceitamos a provocação.

Portanto, tal projeto se originou da necessidade que os professores como sujeitos “que trabalham com a construção e reconstrução do conhecimento em uma realidade que se altera com grande agilidade” (DOTTA, 2006, p. 9) sentiram em cuidar de si simultaneamente ao reinvestimento escolar, considerando a continuidade e descontinuidade, os avanços e os retrocessos da caminhada institucional e pedagógica dos últimos anos. Nessa dinâmica, acreditamos estar contribuindo com um olhar singular sobre a escola, visto que nos propomos a construir um espaço no qual práticas possam ser reinventadas a partir dos saberes dos docentes que estruturam a identidade escolar.

Para o GEPEIS, a trajetória experimental dos professores tem destaque nos trabalhos desenvolvidos nos projetos, uma vez que ela é o núcleo significativo, podemos dizer, revitalizante da profissão, pois se constitui como uma fonte de saberes no campo da docência. Estabelecer uma experiência de trabalho qualificado exige certo tempo de atuação e dedicação, dado que a dimensão temporal é incorporada à investigação da construção dos saberes dos professores.

Ressaltamos que esta pesquisa interinstitucional – universidade-escola - parte da perspectiva de valorizar as práticas e os saberes docentes, apostando no exercício de “dar voz e vez” aos professores, conectando suas vivências relacionais e pedagógicas com o intuito de ressignificar suas trajetórias profissionais, ao mesmo tempo em que apostamos na articulação do grupo de professores para a reconstrução identitária da instituição. Nesse sentido, é importante o entrelaçamento das trajetórias individuais dos profissionais que constituem a história coletiva da escola.

Objetivamos, portanto, com este trabalho promover a formação continuada dos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta D'Ambrósio e da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha através de uma programação de temas relacionados ao cotidiano escolar e às necessidades dos docentes. Buscamos também oportunizar espaços de socialização dos projetos desenvolvidos pelos professores das

instituições, valorizando seu trabalho, além de fortalecer a relação entre a Universidade e as escolas, mostrando ser possível uma parceria qualitativa em prol da educação.

O que nos convocou à realização do curso de formação dos professores foi a crença na oportunidade de reconstrução e aperfeiçoamento da trajetória e atuação dos docentes, considerando o “ser professor” aquele que olha para si e suas vivências, que repensa sua docência numa base de ideias, conceitos, emoções, singularidades, frustrações e alegrias.

Concebemos um formato de Curso de Formação, sendo importante esclarecer que é diferente em nossa proposta de extensão. Não é nosso intuito afirmar que descremos dos processos formativos atuais, contudo, temos outro entendimento acerca do que seja um processo formativo e sua dinâmica. A maioria dos eventos educacionais seguem um modelo, um padrão de organização: palestrantes, conferencistas, grandes nomes da educação são convidados para falar de suas experiências, de seus estudos, seus pontos de vista. Professores, alunos de graduação, mestrandos e doutorandos se inscrevem para participar destes encontros, mas suas “participações” ficam à mercê de apenas ouvir o que os pesquisadores apresentam. O público escuta cada explanação, internaliza algumas proposições, poucas perguntas são lançadas aos palestrantes e algumas palavras são trocadas.

Diferentemente disso tudo, nossa proposta de formação veio se alicerçando na perspectiva da promoção dos estudos e debates, em que a cada nova pauta de discussão havia um mediador para instigar os participantes a trazerem suas contribuições, angústias, alegrias, experiências, vivências. Enfim, um espaço que os professores necessitam para se sentir atores/autores da sua própria formação, estreitando as relações de parceria de escola-universidade, universidade-professor, professor-escola, professor-professor.

Por acreditarmos que a formação continuada é um processo que vai sendo construído coletivamente, as atividades de formação que propusemos - e seguimos propondo - ocorreram durante uma semana do mês de julho, em turno integral, planejadas juntamente com os professores e equipe diretiva, em reuniões semanais nos estabelecimentos de ensino e na sala do GEPEIS, na UFSM, pelos integrantes do Grupo - bolsistas de iniciação científica, mestrandos, doutorandos e demais colaboradores, quando temas, atividades e possibilidades foram debatidas.

As reuniões funcionaram como dispositivos que possibilitaram o delineamento do processo no que diz respeito a como seria organizado e as formas que se afiguravam melhor à

sua realização. Para tornar o trabalho mais interessante, após a primeira reunião, decidimos ouvir os professores, saber o que lhes era pertinente para o momento formativo que estávamos organizando. Para tanto, confeccionamos uma urna para que eles, a equipe diretiva e os funcionários da escola se manifestassem, por meio de suas dúvidas, inquietações e sugestões, a partir da seguinte indagação: “O que você espera/deseja que seja trabalhado/estudado na semana de formação?”. Após uma semana, sistematizamos o curso de formação a partir dos temas sugeridos na urna.

Vale destacar que alguns temas foram sugeridos pelas equipes diretivas das escolas, a saber: relações de grupo, identidade profissional, ética, cuidado de si, compromisso profissional, bem como os diversos saberes/competências da profissão docente. Dentre outras contribuições manifestadas na urna, destacaram-se: avaliação, alfabetização, relacionamento professor/aluno, violência escolar, Síndrome de Burnout, comprometimento dos alunos com a aprendizagem e não com notas, a indisciplina e o pouco comprometimento dos pais para com a escola.

As vivências que desenvolvemos não possuíam, assim, como finalidade única, o conteúdo escolar ou metodologias das práticas pedagógicas, mas a possibilidade da reflexão, do diálogo, da análise ao trabalho educativo realizado por cada docente e sobre o desânimo de alguns para com o trabalho que realizam na educação. A fim de alcançarmos tais objetivos, trabalhamos com vídeos, textos, debates, atividades corporais e experiências ético-estéticas.

Após muitas reuniões, discussões, estudos, encontros entre os integrantes do GEPEIS e as escolas Marieta D’Ambrósio e Maria Rocha, tomou forma o “*Curso de Formação de Professores ‘Reinventando outras formas de estar juntos: ressignificando a docência pelo cuidado de si’*”. Este curso se realizou entre os dias 18 e 22 de julho, sendo três dias de atividades presenciais e dois de atividades a distância.

Entre os dias 18 e 20, as atividades presenciais foram desenvolvidas conforme previsto na programação. No início dos encontros, as professoras representantes das escolas Marieta D’Ambrósio e Maria Rocha fizeram a abertura oficial do Curso de Formação, saudando a todos que esperavam pelo início das atividades que ocorreram no Auditório da Escola Estadual Professora Maria Rocha. Naquele instante, apresentamos a trajetória de parceria e trabalho do GEPEIS com a Escola Marieta D’Ambrósio, através de um vídeo que retratou os quatro anos de envolvimento e aprendizagens com esta escola.

A partir do vídeo, buscamos - com a fala da professora Valeska Fortes de Oliveira (coordenadora do GEPEIS), que relatou momentos marcantes e significativos dessa caminhada, suas expectativas para com a formação - dialogar com os professores com o intuito de instigá-los a algumas reflexões iniciais.

Decorrido o belíssimo momento cultural, os participantes das Escolas Maria Rocha e Marieta D'Ambrósio apresentaram – entre si - suas propostas, atividades, projetos e experiências. Naquelas apresentações, percebemos o perfil de cada uma, a forma como trabalhavam nos projetos que desenvolviam. Aquela troca inicial, além de necessária, fez-se de grande relevância às duas instituições, pois apesar de terem pontos em comum, entre si se diferenciavam: Marieta D'Ambrósio por ser de ensino fundamental e Maria Rocha, de ensino médio. Assim, com muitos saberes a compartilhar os professores tiveram a oportunidade de reinventar novas formas de estarem juntos.

As atividades prosseguiram com rodas de discussão e mesas redondas, cada uma delas evidenciando temas que, direta ou indiretamente, permitiram aos professores expor emoções, anseios e frustrações. Foram propostas três rodas de discussões organizadas em quatro grupos com número igual de pessoas, seguidas por debates e/ou mesas redondas.

A primeira roda de discussão foi intitulada “*O ser professor e a escola*” e consistia na apresentação de um vídeo preparado com cenas dos documentários “Pro dia nascer feliz”, “Ser e ter” e “Entre os muros da escola”, caracterizando o momento “*Fragmentos de um dizer I: O professor em cena*”, sendo mediada pela Psicóloga Vanessa Solis Pereira, integrante de nosso grupo.

Essa roda foi pensada como um espaço de reflexão e discussão para que os aspectos mais inquietantes das cenas apresentadas fossem relacionados com as experiências profissionais e pessoais a respeito do “ser professor” de cada um. Divididos nas salas e mediante indagações como, por exemplo, “Como vejo a escola hoje?”, “Para que serve a escola?”, “Qual é o papel do professor?” os professores puderam pensar sobre essas questões. Logo em seguida, foram escolhidos os representantes de cada grupo para compartilhar as sínteses de suas discussões.

A segunda rodada de debates, intitulada “*A escola como espaço grupal: como me vejo?*”, teve o propósito de discutir os processos grupais na escola. Com o intuito de estimular a criatividade e a capacidade do trabalho em grupo, realizamos uma dinâmica que consistiu

em formar frases com as palavras que estavam dentro de balões e que se referiam a *teorias de grupo*. A atividade teve início com os professores dispersos no auditório, cada qual de posse de um balão. Cuidando para que os balões não caíssem no chão, após a interrupção da música, cada participante deveria ficar com um. A partir deste exercício, formavam-se grupos que tinham o desafio de agregar todas as palavras numa única frase, apresentando-a, em seguida, aos demais participantes.

Em seguida, os professores foram direcionados às salas para que as rodas de discussão acontecessem. Como forma de orientar as discussões, propusemos que os educadores refletissem sobre suas experiências profissionais partindo de questões como: “Quais experiências deram certo?” e “Quais dificuldades apareceram durante o trabalho realizado?”. Para compartilhar os resultados das sistematizações dos grupos, esses deveriam destacar quatro palavras/expressões.

Com base nas palavras/expressões, sugerimos o segundo momento que dizia respeito à “*Socialização de experiências: ressignificando redes*”, isto é, a construção de redes com base nas questões grupais evidenciadas nas reflexões dos grupos. Entendemos que esta atividade foi uma maneira de perceber a escola na sua totalidade, em seus aspectos positivos e negativos. A teia foi construída por intermédio de um professor destacando uma palavra de seu grupo, explicando o porquê da escolha. A partir disso, quem se sentiu provocado ou que percebeu alguma proximidade com as palavras/expressões de seu grupo continuou expondo aos demais o motivo pelo qual a escolha foi feita.

A última roda de discussão “*Trajetos compartilhados do ser professor*” trazia o objetivo de problematizar a escolha profissional de cada um dos professores participantes. Ou seja: que os profissionais do Curso de Formação voltassem ao passado para pensar nas ações que vem desenvolvendo em sala de aula com base na escolha profissional que fizeram. Para tanto, convidamos três docentes de diferentes gerações e que estivessem há muito tempo, a médio prazo ou pouco tempo atuando como educadores(as) para responder a seguinte indagação “*Como me tornei o(a) professor(a) que sou hoje?*”

Relataram suas trajetórias pessoais e profissionais, contando um pouco de si, das suas vidas, das suas escolhas, os caminhos que as tornaram professoras, as experiências com seus alunos, os anseios, decepções, alegrias, conquistas - cada uma delas, à sua maneira, compartilhou suas significações e vivências em relação à escolha profissional.

Após os três relatos, os professores participantes foram divididos em novos grupos para compartilhar suas trajetórias de vida e de formação. Para provocar a conversa entre os grupos, dois questionamentos foram ressaltados: “Como as experiências em minha vida contribuem para os sentidos que dou àquilo que vivi?” e “O que aconteceu para que eu viesse a me tornar o(a) professor(a) que sou hoje?”. A conversa entre grupos foi um exercício interessante de escuta das histórias, de identificar e repensar o processo constitutivo do ser professor em cada um.

Além das rodas de discussão, outros momentos mereceram destaque. Um deles recebeu o nome de “*Imagens de um discurso*”, com a apresentação do documentário “Que letra é essa?”, em que foram mediadores o professor Décio Oliveira e a professora Valeska Fortes de Oliveira. Ali se procurou enfatizar a temática “avaliação”, buscando relacionar as questões de aprendizagem ou não-aprendizagem (caso apresentado no documentário) com as vivências escolares dos professores e com a prática avaliativa que realizam com seus alunos.

As provocações sobre a temática causaram dúvidas, inquietações, aguçaram pensamentos, instigaram reflexões nos professores. Dessa forma, os mediadores possibilitaram mais que um diálogo - proporcionaram um momento de reflexão em que os professores não olharam apenas criticamente o filme, mas se voltaram às suas práticas profissionais, seus modos particulares de entender o que realmente é o processo avaliativo.

Destacamos também o momento intitulado “*Fragmentos de um dizer II: cenas do cotidiano*”, que teve como mediadora a psicóloga Vanessa Solis Pereira. Utilizando a mesma estratégia (um vídeo apresentando cenas dos documentários já referidos), buscou-se incitar problematizações acerca do cotidiano, abarcando a participação ou não-participação nos tempos e espaços escolares.

A última das atividades presenciais teve como temática “*Ser professor e o cuidado de si*”, problematizando o espaço do cuidado de si na vida dos professores. Iniciamos esse momento exibindo aos professores o documentário “Palavra Encantada”. Divididos em salas, eles foram requisitados a se apresentar com um objeto que significasse um pouco de si próprios aos demais participantes. As poesias musicadas também estiveram presentes em cada ambiente, como uma das formas do cuidado de si, paralelamente ao cuidado do outro.

Como forma de discutir as *teorias do cuidado de si*, havia figuras de diferentes obras de arte espalhadas no chão, em duplas os professores deveriam escolher uma dentre aquelas,

ler e socializar o respectivo fragmento com os colegas de sala. As socializações foram mediadas pelos integrantes do GEPEIS, para que todos compreendessem os elementos das teorias do cuidado de si, o que provocam ou aguçavam. Entre uma atividade e outra, procuramos fazer com que refletissem sobre o cuidado de si, tanto como profissionais quanto como pessoas.

Paralelamente às discussões e socializações, ocorreram interrupções para que outras vivências emergissem. Essas consistiram nas dramatizações de duas histórias trazidas por uma integrante do GEPEIS: no momento que ela adentrava em cada sala chamava atenção de todos, então os olhos paravam de piscar e os sorrisos se faziam presentes - a admiração e a fantasia se encontravam. Ainda outro exercício foram os varais de poesias, que expostos nas salas eram entregues a um colega.

As atividades presenciais culminaram com uma avaliação, momento que serviu para refletir e compartilhar com/entre os colegas o que os dias do curso de formação haviam proporcionado a cada um.

Por entendermos que os momentos de leitura e aprofundamento teórico funcionam como dispositivos formativos, organizamos dois dias de atividades a distância - 21 e 22 de julho. Para tal atividade, disponibilizamos aos professores dois textos: o primeiro "*O conto da ilha desconhecida*" de José Saramago e o segundo "*O Imaginário e a pedagogia do telhado*" de Teixeira Coelho. Com esta proposta, tínhamos o intuito de oferecer além de um momento prazeroso de escrita, a leitura e a reflexão. Percebemos essa experiência como um espaço de compartilhamento das aprendizagens, de reflexão da prática docente, bem como a possibilidade de as reconstruir e reinventar. Concordamos com Kramer (1998, p.23) quando diz:

Resgatar a história das pessoas significa vê-las reconstituírem-se enquanto sujeitos e reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra. Tal resgate se apresenta como ponto crucial para a construção de um conceito humanizado de ciência: ouvir o que até então não pôde ser expresso ou escutado, transformando as sobras, dobras, as franjas em objeto de investigação.

Assim, propomo-nos auxiliar as escolas Marieta D'Ambrósio e Maria Rocha na consolidação da identidade dos profissionais que nelas atuam, bem como ressaltar a importância da aproximação escola-universidade, mostrando que é possível estabelecer relações positivas entre ambas.

2. CONCLUSÃO

Tendo em vista que a formação de professores é um trabalho que envolve investimento nas pessoas e em seus saberes experienciais através da reflexão crítica sobre seus atos e práticas, num permanente movimento de reconstrução e ressignificação, enfatizamos o quão gratificante e profícua é a parceria que se fortalece a cada nova proposta formativa do GEPEIS com a Escola Marieta D'Ambrósio. Afinal, são quatro anos de trabalho, aprendizagem, envolvimento e transformações nesta instituição. Ressaltamos também a participação da Escola Maria Rocha que adentra nessa proposta formativa, modificando, fortalecendo e compartilhando as discussões e atividades propostas.

Por conseguinte, é relevante que se diga que encontramos professores motivados em investir na própria formação, que em hipótese alguma se restringe à formação inicial ou se constrói cumulativamente. Nesse sentido, Nóvoa contribui para corroborar esta ideia:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA apud NARVAES, p. 40, 2004)

Torna-se necessário, portanto, encontrar alternativas que viabilizem espaços de interação entre as dimensões pessoal e profissional dos docentes com vistas à apropriação de seus processos de formação/autoformação (FERREIRA, 2003). Segundo Imbernón (2000), a relação entre os espaços de formação e as necessidades de reconstrução das trajetórias a partir dos processos de reflexão funcionam como estímulos à construção de “novos mapas existenciais”; mapas nos quais não nos reconhecemos na percepção original, o que conseqüentemente impulsiona a efetivação de novos referenciais.

Outra questão importante se refere-se à formação grupal, pois percebemos uma transformação significativa no grupo de professores participantes do Curso de Formação que desenvolvemos. Ao mesmo tempo que contribuímos para a formação dos professores, também fomos alcançados por implicações que contribuíram com a nossa formação. Não

apenas propusemos alternativas importantes à formação dos docentes, mas acima de tudo com elas aprendemos e, sobretudo, a elas nos somamos.

Buscando as contribuições dos estudos de Moita (1992), podemos afirmar que é imprescindível aos professores o investimento em sua autoformação como um processo transformador, que ocorre a partir de uma relação do profissional consigo e não por meio de uma produção sua individual, pois ninguém se forma no vazio. Por isso, entendemos que processo de formação pressupõe trocas, experiências, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de vivências. Acessar o modo como cada sujeito vai se formando é considerar sua singularidade e sua história, fazer emergir o modo singular como age, reage e interage com/nos contextos. Nessa perspectiva, percursos de vida e de formação se tornam sinônimos.

Ainda é preciso muito empenho para dotar nossas instituições, nossas vidas e comportamentos de sentidos construídos a partir da sensibilidade, do olhar às questões da atualidade, que nos impulsionem e nos exijam pensamentos, ações e proposições importantes e inadiáveis. Enfim, não podemos viver estagnados no passado, sem que as experiências já vividas, à luz de um olhar atento e reflexivo, estimulem-nos a contribuições sociais e educativas inovadoras frente a um presente que se modifica a todo momento.

Pesquisadores, professores, alunos de iniciação científica, todos necessitam revisitar os espaços de formação, sejam eles iniciais ou continuados, no intuito de ressignificar os processos identitários profissionais, visto que cuidar da pessoa é cuidar do seu contexto, das suas relações consigo, com os outros e com a educação.

Assim sendo, reiteramos a necessidade de um trabalho que tenha como ferramenta única e inestimável os saberes docentes, que acionados pelos professores na sua prática escolar permitam que se fale na docência como uma profissão, como um trabalho que exige um repertório de conhecimentos que precisam ser debatidos e trabalhados, tanto nos cursos de formação docente - através de estudos e debates internos à instituição -, como também em ações extensivas às escolas. Dessa forma, o indivíduo deve encontrar estratégias para “tornar-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida” (NÓVOA, 2010, p.168)

Sendo assim, no que tange a formação dos professores, é possível afirmar que o trabalho com narrativas aciona nos docentes a oportunidade deles narrarem sobre si, pensar no desenvolvimento profissional e pessoal, contribuindo, dessa forma, no seu processo de

formação/autoformação, a partir da ressignificação e reconstrução de seus saberes, pois conforme afirma Pimenta (2002):

(...) pensar sua formação significa pensá-la como um continuum de formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares. É nesse confronto e num processo coletivo de troca de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como *praticum*, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática. (PIMENTA, 2002, p.29).

No terreno da formação de professores é possível visualizar essa perspectiva de não apenas associar a formação ao progresso e ao desenvolvimento numa óptica futura, mas sim de ser considerada a possibilidade de retrospectiva, na qual o indivíduo constrói sua própria formação com base no balanço que este faz de sua vida.

Buscando destacar que o objeto do trabalho dos professores, é o ser humano e sua formação, temos que admitir que os saberes dos professores se encontram intimamente ligados a esse ser e ir se constituindo pessoa e profissional. Nessa perspectiva, cabe dizer que precisamos nos ocupar melhor de compreender esse “saber plural” que é o saber docente, incluindo os diferentes saberes por ele englobados, na tentativa de compreender os processos de produção coletiva e individual do professor que revertem positivamente à transformação qualificada da escola como um todo, abarcando os diferentes níveis de educação oferecidos, pois somente

Seremos reconhecidos como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros... Posso aprender com ele como realizar melhor, nosso ofício comum (TARDIF, p. 244, 2000).

Sabemos, no entanto, que o maior desafio na apropriação dos processos de formação por parte do professor pode ser viabilizado pelo trabalho com vivências, experimentações de si. Por isso, nossa proposta formativa foi apresentada à guisa de um projeto de formação continuada, baseado em vivências que possibilitaram o diálogo e a reflexão das práticas educativas entre os docentes das Escolas Marieta D’Ambrósio e Maria Rocha, numa união muito eficaz entre escola e universidade.

Como futuros professores/pedagogos, tivemos (e temos tido) a oportunidade de conhecer e analisar o cotidiano escolar sob o ponto de vista da prática dos professores. Vimos os conceitos que estudamos na universidade sendo exercitados num determinado contexto em

que alegrias foram compartilhadas e angústias divididas, visto que a concepção do professor isolado e fechado em si mesmo não pode se firmar, pois os tempos do diálogo, da memória, da narração, da possibilidade do trabalho coletivo existem e devem estar totalmente imbricados no professor, que é um ser social que constrói sua história de vida, pessoal e profissional numa rede de interdependência com seus pares.

Soma-se a isso a discussão do espaço da escola como um lugar de pesquisa. Ao contrário do que por muitos anos se acreditou, a escola se constitui como espaço de pesquisa, pois com ele aprendemos e refletimos sobre o cotidiano do processo escolar. É preciso valorizá-lo como um espaço à formação, além de ressaltar o aprendizado que o docente adquiri a partir de suas próprias experiências e saberes práticos.

Acreditamos, assim, ter propiciado um espaço para que as relações afetivas e de trabalho entre os professores das escolas aqui mencionadas fossem fortalecidas, visto que devido à rotina corrida e longa estavam ficando comprometidas e se tornando cada vez mais difíceis de acontecer. Como prova disso, as professoras destacaram que desenvolviam projetos dentro da escola, mas que muitas vezes eles não eram divulgados nem na própria instituição. Relataram também que nossa assessoria ajudou nessa questão valorizando e abrindo espaços para que seus trabalhos fossem divulgados.

A formação continuada - pensada para um grupo específico de professores dentro de seu próprio ambiente de trabalho, de estudo e pesquisa - é algo singular, em que o professor se sente valorizado e mais à vontade para explicitar suas inquietações. A escola é o lugar, por excelência, da formação continuada de professores. De acordo com Pimenta (1999, p. 31),

A formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal/profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação como contínua dos professores, no local de trabalho, em rede de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação.

Pautamos, portanto, o curso de formação por esta perspectiva: a de professores falantes de si, de suas vidas, de suas experiências, de suas dúvidas e frustrações, de seus sucessos e alegrias. Pensamos nas necessidades dos professores falarem de seus compromissos e interesses, de se firmarem em seus grupos de iguais para estabelecer os diálogos de experiências e saberes, reinventando novas formas de estar juntos e ressignificar a docência.

3. REFERÊNCIAS

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. **Representações sociais do ser professor**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

FERREIRA, Vera Laura de los Santos. **A constituição da professora de educação infantil pautada na autonomia: entrelaçando gênero e profissão**. Santa Maria, UFSM, 2003.

IMBERNÓN, Francisco (org.). **A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KRAMER, Sônia. Leitura e Escrita de Professores: da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, Jan./Fev. / Mar./Abr., 1998.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de trans-formação. In. NÓVOA. Antônio. (org.) **Vidas de professores**. Portugal. Porto, 1992.

NARVAES, Andréa Becker. Significações da profissão professor. In: OLIVEIRA, V. F. (org.). **Imagens de professor: Significações do Trabalho Docente**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez. 1999.

_____. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Plano Nacional De Extensão Universitária**. Santa Maria, RS, 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/pre/>. Acesso em 14 de fevereiro de 2012, às 15h02min.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, n.13, Jan./Fev./ Mar/Abr. 2000.